

# Esta meta com o FMI não será cumprida

A chefe-adjunta da divisão do Atlântico do Fundo Monetário Internacional (FMI), Ana Maria Jul, encerra na próxima segunda-feira sua visita ao Brasil para avaliar o desempenho da economia neste segundo trimestre do ano, em que a inflação continua acelerada e a base monetária — emissão primária de moeda — apresenta desvio irreversível.

As projeções preliminares mais otimistas de técnicos da área financeira indicam que, em maio, o desvio da base monetária atingiu 6%, contra a expectativa de queda de 3,2%. A base monetária teria fecha-

do o mês passado com expansão bem superior a 2%, principalmente, em função do desempenho bastante favorável das exportações, o que obrigou o Banco Central a injetar mais dinheiro na economia e atenuar o efeito da recessão.

Mesmo que a expansão da base monetária em maio fique em 2%, na melhor das hipóteses, o crescimento acumulado nos cinco primeiros meses do ano saltará para 22,3% e o Banco Central não terá mais como cumprir a meta de aumento de 13,5% no primeiro semestre. Para atingir esse teto, o corte na base monetária em junho teria que che-

gar a 7,7%, percentual inimaginável até mesmo para os sempre otimistas dirigentes do Banco Central e ministros da área econômica.

O esperado desvio na base monetária no semestre não obrigará ainda o Brasil a pedir novo waiver (perdão) para poder sacar em setembro outra parcela de US\$ 390 milhões do financiamento ampliado do FMI. Bastará que o Brasil consiga acumular reservas cambiais, decorrentes dos ganhos nas exportações, para compensar, no saldo do crédito interno líquido, a expansão adicional da base monetária.